



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM TÊXTIL E MODA**

CRISTINA DE CASTRO

A VESTIBILIDADE DE ROUPAS EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

AMERICANA, SP

2024

CRISTINA DE CASTRO

A VESTIBILIDADE DE ROUPAS EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia de Americana.

Área de concentração: Consumo de moda

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

AMERICANA, SP

2024

CASTRO, Cristina de

A vestibilidade de roupas em pessoas com Síndrome de Down. / Cristina de Castro – Americana, 2024.

44f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Daniella Romanato

1. Comportamento do consumidor 2. Inclusão social 3. Modelagem. I. CASTRO, Cristina de II. ROMANATO, Daniella III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.89

316.3

687.02

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

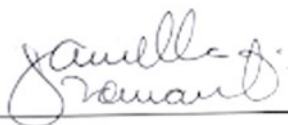
CRISTINA DE CASTRO

A VESTIBILIDADE DE ROUPAS EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda em 2024 pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Data de aprovação: 17/06/2024

Banca Examinadora:



Daniella Romanato (Presidente)

Mestre

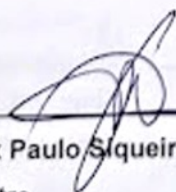
Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Maria Adelina Pereira

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP



Alex Paulo Siqueira Silva

Mestre

Faculdade de Tecnologia de Americana, SP

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os pais e pessoas que tem Síndrome de Down que vivem na busca incessante da inclusão social, especialmente na moda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por me dar forças para me manter firme nos meus propósitos.

Agradeço a minha família que me apoiou nesta jornada e acreditou que esse seria um passo importante na minha vida.

Agradeço a Claudia, minha amiga e fiel companheira desses 3 anos de faculdade, que conseguiu controlar sua ansiedade para entender que meu tempo é diferente do dela e foi minha dupla de trabalhos.

Agradeço aos professores por todo o ensinamento que me foi passado e por serem sempre disponíveis e compreensivos.

Agradeço à minha orientadora Dani que comprou a minha ideia e com seu jeitinho doce me ajudou a desenvolver esse trabalho que foi tão importante pra mim.

Por fim, agradeço a minha prima Lídia, que tem Síndrome de Down, e que desde sempre foi minha inspiração para desenvolver meus estudos tanto na área da saúde quanto agora na área da moda.



RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de têxtil e moda se propôs a estudar uma população específica que precisa se beneficiar da moda e tudo o que a cerca: as pessoas com Síndrome de Down. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar quais são as maiores dificuldades encontradas pelas pessoas com Síndrome de Down ao adquirirem suas roupas e sapatos, utilizando para isto um questionário que elas próprias ou familiares responderam, podendo exprimir suas opiniões e sugestões. Associando esses achados às especificidades corporais das mesmas, foram propostas alterações de modelagens e ajustes passíveis de serem feitos para que essas pessoas não precisem ficar ajustando suas roupas sempre que as comprarem. Dentro desse estudo também foi questionado o fator da moda inclusiva, entendendo o que ela realmente significa e até onde ela está inserida no mercado para contemplar as diferentes necessidades das diversas populações ditas especiais, ou seja, que não têm um corpo dentro de um padrão específico de normalidade, como é o caso das pessoas portadoras de Síndrome de Down.

Palavras-chaves: Síndrome de Down; Moda inclusiva; Vestibilidade.

ABSTRACT

This final work for the textile and fashion course set out to study a specific population that needs to benefit from fashion and everything that surrounds it: people with Down Syndrome. Therefore, the objective of this study was to identify and analyze the greatest difficulties encountered by people with Down Syndrome when purchasing their clothes and shoes, using a questionnaire that they themselves or family members answered, being able to express their opinions and suggestions. Associating these findings with their body specificities, modeling changes and adjustments that could be made were proposed so that these people do not need to keep adjusting their clothes every time they buy them. Within this study, the factor of inclusive fashion was also questioned, understanding what it really means and how far it is inserted in the market to address the different needs of different so-called special populations, that is, those who do not have a body within a specific standard. of normality, as is the case with people with Down Syndrome.

Keywords: Down's Syndrome; Inclusive fashion; Modeling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura corporal de portadores da Síndrome de Down	12
Figura 2 – Símbolos de portadores de deficiência	14
Figura 3 – Incluir é preciso	17
Figura 4 – Moda inclusiva	20
Figura 5 – Imagens em 3D de 4 mulheres	22
Figura 6 – Comparação entre os principais biótipos e a população alvo do estudo..	23
Figura 7 – Formas corporais da amostra feminina com Síndrome de Down	23
Figura 8 – Medidas de 13 participantes mulheres	24
Figura 9 – Gráficos comparativos entre Síndrome de Down e população masculina saudável	24
Figura 10 – Número de participantes	25
Figura 11 – Idade dos participantes da pesquisa	26
Figura 12 – Peso dos participantes da pesquisa	26
Figura 13 – Altura dos participantes da pesquisa	26
Figura 14 – Tabela de Índice de Massa Corporal (IMC)	27
Figura 15 – Tabela com os dados dos participantes para obter seus Índices de Massa Corporal (IMC)	27
Figura 16 – Nível de dificuldade dos participantes em relação a compra de roupas.	28
Figura 17 – Dificuldades encontradas pelos participantes em relação as roupas	28
Figura 18 – Imagens em 3D de 4 mulheres	29
Figura 19 – Cores preferidas pelos participantes	29
Figura 20 – Nível de dificuldade dos participantes em relação a compra de sapatos	30
Figura 21 – Dificuldades encontradas pelos participantes em relação aos sapatos .	30
Figura 22 – Sugestões para que as confecções possam adequar suas peças para este público	31
Figura 23 – Portadores de Síndrome de Down vestindo roupas modernas	32
Figura 24 – Sapatos adequados e inadequados para portadores de Síndrome de Down	34
Figura 25 – Adequação ergonômica da modelagem para roupas de portadores de Síndrome de Down	34
Figura 26 – Possibilidades de ajuste de largura e comprimento	35
Figura 27 – Estampas que disfarçam o tamanho de uma pessoa	37
Figura 28 – Sean McElwee e suas camisetas em seu perfil do Instagram	38

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	A Síndrome de Down	11
3	Moda inclusiva	14
4	Dificuldades encontradas na adequação das vestimentas para portadoras da Síndrome de Down.....	22
5	Propostas de alterações nas peças de roupa para atender as pessoas com Síndrome de Down.....	32
6	Conclusão	39
	Referências	40

1 INTRODUÇÃO

Atualmente fala-se muito sobre a inclusão de grupos “especiais” em várias áreas distintas do cotidiano, especialmente no que diz respeito ao vestuário, porém, existe uma população que precisa de atenção especial neste quesito, pois sua compleição corporal tem suas características específicas, e essa população são as pessoas portadoras de Síndrome de Down.

É preciso analisar quais são as dificuldades encontradas pelas pessoas portadoras de Síndrome de Down ao comprarem suas roupas, em relação à vestibilidade e assim desenvolver adaptações para que sejam sanados esses problemas.

Nota-se geralmente que as maiores dificuldades são em relação ao comprimento e largura das peças, assim como o conforto nos membros superiores e caimento das mesmas. Para isso, é preciso pensar em alterações de modelagem e adaptações que possam ser feitas na própria roupa, trazendo maior satisfação na aquisição das peças.

Este projeto visa identificar quais são as maiores dificuldades encontradas e propor modelagens e ajustes específicos para que as roupas sejam desenvolvidas de acordo com a compleição corporal desta população.

Para isto, é preciso entender sobre as características da Síndrome de Down e suas especificidades físicas, além de conhecer sobre modelagem para que sejam propostas soluções passíveis de serem aplicadas na hora da confecção.

Após o estudo sobre a síndrome, será aplicado um questionário onde os próprios portadores irão relatar quais são suas dificuldades, e após tabulação dos dados serão avaliadas as maiores dificuldades encontradas para identificar possíveis soluções.

Este projeto envolve uma pesquisa de ação, já que irá contar com a participação das pessoas portadoras de Síndrome de Down para serem identificados os pontos passíveis de melhora.

Os objetivos deste trabalho serão pesquisados através de bibliografias específicas em livros, revistas e sites especializados e aplicação de questionário com sua devida tabulação e análise estatística desenvolvida.

2 A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down (SD), ou Trissomia 21 (T21), de acordo com Coutinho et al. (2021, p. 17936), foi descoberta e descrita pela primeira vez em 1866 por John Langdon Down, quando observou suas próprias características e relacionou-as às semelhanças físicas de pessoas com atraso mental, denominando-a, a princípio, como mongolismo, em referência a condição geográfica em que ocorriam a maioria dos casos.

Apesar de sua descoberta, a etiologia só foi comprovada em 1958, pelo geneticista Jérôme Lejeune, que “verificou uma alteração genética causada por um erro de distribuição cromossômica em que, ao invés de 46, as células possuíam 47 cromossomos e este cromossomo extra se ligava ao par 21” (Brancaccio; Manzini, 2019, p. 162), observando três bases citogenéticas como causa para essa alteração, sendo a mais comum a trissomia do cromossomo 21, que acomete 95% dos casos.

John Langdon Down ocupa um papel de destaque por significativas mudanças no panorama de conhecimentos científicos do século XIX sobre a Síndrome de Down, pois realizou a sistematização e descrição da síndrome como uma condição clínica única e diferenciada, difundiu ideias de cuidados e tratamentos aos indivíduos, além de contribuir na diferenciação em relação ao “cretinismo” e outras deficiências mentais. (Pietricoski; Justina, 2020, p. 1)

Neste sentido, de acordo com a Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down (FBASD, 2022 apud Mello, 2024, p. 5):

A Trissomia do 21 ou síndrome de Down é uma condição genética que se caracteriza por uma mutação gerada pela presença de uma terceira cópia do cromossomo 21, em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células ao invés de 46, como a maioria da população.

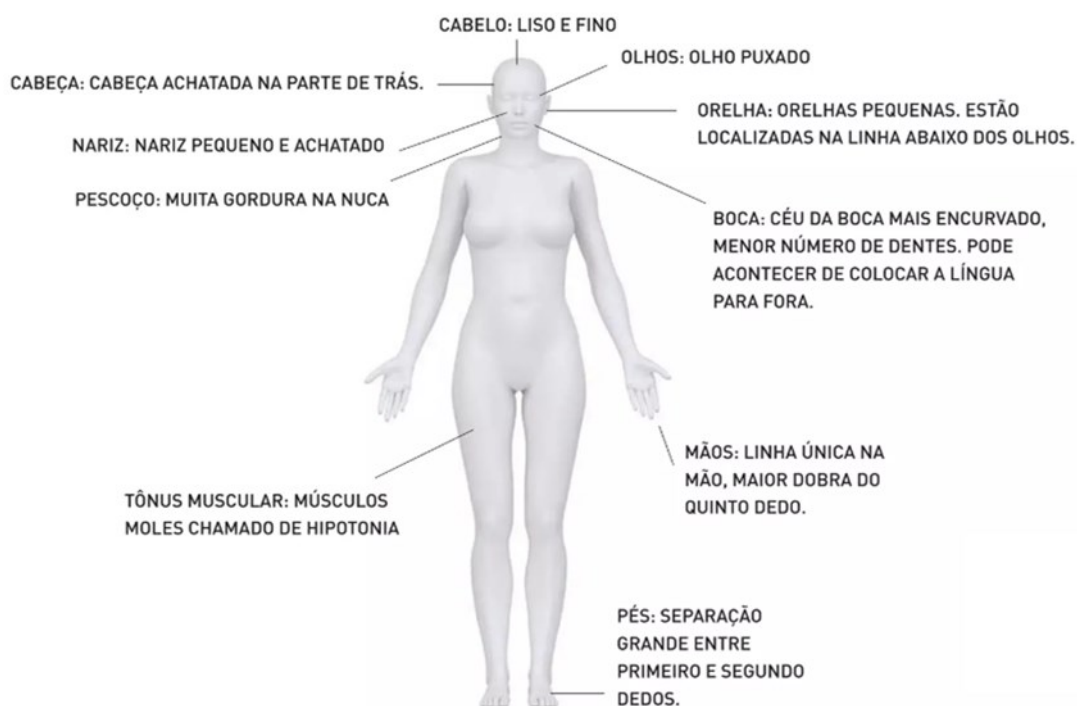
Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020 apud Coutinho, et al. 2021), a Síndrome de Down é a alteração genética mais frequente em humanos, e sua incidência em nascidos vivos é de 1 a cada 650 a 1000 gestações, independente de etnia, gênero ou classe social. Segundo a Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, a cada ano, cerca de 3.000 a 5.000 crianças nascem com esse distúrbio cromossômico. No Brasil, estima-se que a cada 700 nascimentos, uma criança nasce com a SD, o que resulta em cerca de 275 mil brasileiros que possuem a T21.

Segundo Marques e Nahas (2003), a expectativa de vida das pessoas com SD, que em 1920 era de apenas 9 anos, em 2003, com os avanços na saúde e na educação, aumentou para 56 anos em países desenvolvidos, sendo que esses números continuam a crescer. No Brasil, não existem dados precisos sobre a expectativa de vida de pessoas com SD, mas acredita-se que esteja em torno dos 50 anos. (Brancaccio; Manzini, 2019, p. 162)

Observa-se, entretanto, que essa expectativa de vida aumentada está intimamente relacionada à independência, autonomia e funcionalidade das pessoas com SD.

De acordo com Coutinho et al. (2021, p. 17942), as pessoas com SD, ao nascer, geralmente são pequenos para idade gestacional (PIG) e/ou considerados baixa estatura, e têm algumas características biológicas com manifestações fenotípicas diversas, sendo as mais comuns a baixa estatura, braquicefalia, fontanelas amplas, orelhas pequenas, nariz pequeno, boca pequena, orelhas baixo implantadas, inclinação palpebral para cima, ponte nasal achatada, protusão da língua, pele redundante na nuca, braquidactilia, cabelos finos e lisos, prega única palmar (prega simiesca), clinodactilia do quinto quirodáctilo, hipotonia muscular e/ou frouxidão ligamentar, atraso global do desenvolvimento neuropsicomotor ou comprometimento intelectual, entre outras apresentações clínicas.

Figura 1 – Estrutura corporal de portadores da Síndrome de Down



Fonte: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012.

Muitas destas características contribuem para um atraso do desenvolvimento motor, para a lentidão na realização de movimentos e para alterações no controle postural, que “podem dificultar a preensão, podendo levar a lentidão de movimentos, seleção de estratégias não usuais, atrasos na aquisição de determinadas tarefas, o que interfere diretamente na execução de tarefas de autocuidado, além da precisão e coordenação” (Ferreira et al., 2009 apud Brancaccio; Manzini, 2019, p. 163), ou seja, “diminui-se a possibilidade de experiências motoras e de exploração do ambiente, o que prejudica o desempenho das habilidades motoras finas e destreza manual” (Anson; Mawston, 2000 apud Werner, et al., 2023, p. 3).

O desenvolvimento motor dessas pessoas é comprometido, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento motor global (axial) como o desenvolvimento motor fino, que é o que controla as ações de movimentos finos das mãos. “O desenvolvimento da motricidade fina é essencial para a interação da criança com o meio, pois é a partir desses movimentos que elas conseguem realizar atividades de vida diária como: amarrar o tênis, segurar talheres, escrever, entre outros” (Werner, et al., 2023, p. 1).

A coordenação motora fina, referente aos movimentos das mãos e dedos, desempenha um papel crucial nas aptidões de manipulação de objetos. Esse conjunto de habilidades está intrinsecamente ligado à capacidade de executar atividades que requerem precisão adaptando-se às exigências específicas de cada tarefa. O progresso da destreza manual assume um caráter fundamental para a interação da criança com o seu entorno, evidenciando-se, especialmente, quando a criança interage com objetos e utiliza ferramentas em atividades do dia a dia (Serrano 2015), (...) como segurar um lápis de maneira apropriada, abrir e fechar zíper, amarrar o tênis ou até mesmo prender botões de roupas. (Werner, et al., 2023, p. 2-3)

“A maioria dos indivíduos com SD apresenta patologias associadas determinadas por fatores genéticos, como doença crônica do coração, hipotonia muscular, déficit do hormônio tireóideo e obesidade” (Bertapelli, 2011, p. 280), além de acometimento de outros sistemas, conferindo a esses indivíduos uma maior suscetibilidade a infecções e doenças autoimunes.

Além do acometimento motor, apresentam também atraso no desenvolvimento intelectual, que

(...) se expressam por limitações significativas na área cognitiva e no comportamento adaptativo necessários para a aquisição de conceitos, realização de atividades práticas e interação social, além dos aspectos físicos e intercorrências clínicas que influenciam no desenvolvimento de suas habilidades motoras e de comunicação (Brasil, 2013 apud Pelosi et al., 2020, p. 513).

3 MODA INCLUSIVA

Segundo o site Tix Life (S/d.), “moda inclusiva propõe o desenvolvimento de vestuários, calçados e acessórios adequados a mobilidade, ergonomia e conforto da pessoa com deficiência”.

Dados do IBGE (apud Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023) registram a existência de 18,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2006, artigo 1º apud Mello, 2024, p. 4), pessoas com deficiência são definidas como “aquelas que têm impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas”.

Na legislação brasileira, os diferentes “tipos de deficiência estão categorizados no Decreto n. 5.296/2004 como: deficiência física, auditiva, visual, mental (atualmente intelectual, função cognitiva) e múltipla, que é a associação de mais de um tipo de deficiência (Brasil, 2004 apud Colomé, 2021, p. 6).

Figura 2 – Símbolos de portadores de deficiência



Fonte: CMDPcD, 2012.

Segundo Bonchoski et al. (2004) “todos os indivíduos possuem diferenças, mas, mesmo assim, essas diferenças não deveriam servir como rótulo, se observarmos dentro de um contexto histórico os indivíduos que não se enquadram dentro de um certo “padrão de normalidade” que a sociedade estabeleceu”.

É fato que todos somos diferentes. A diferença é o que, de certa forma, nos humaniza. Percebê-la como valor é um processo que se estabelece em todas as esferas da vida e que legitimamos individual e socialmente. Essa ideia já está estabelecida desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, apontando que o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo é o reconhecimento da dignidade inerente a todos. (Feitosa, 2020)

Antes de discutir o que é e qual a abrangência da moda inclusiva, é importante definir os termos:

- Segundo o dicionário *Oxford Languages*, moda é um substantivo feminino com duas definições:
 - conjunto de opiniões, gostos, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos;
 - e/ou o uso de novos tecidos, cores, matérias-primas etc. sugeridos para a indumentária humana por costureiros e figurinistas de renome.
- Para o dicionário Aurélio, inclusão refere-se a “ato ou efeito de incluir”, compreender, inserir. Associada ao adjetivo “social” (da sociedade ou relativa a ela), significa processos que levariam pessoas ou grupos postos ou deixados ao largo de dinâmicas societárias, a serem “incluídos” em tais dinâmicas.

Mas afinal, o que é a inclusão? De acordo com Almeida e Gatti (2020, p. 3), “a depender do lugar social ocupado por quem responde a esta pergunta, podemos afirmar que são muitos os sentidos assumidos por esta palavra”, e “a depender do nosso lugar social e ideológico, o qual estabelece uma determinada visão de mundo, esse lugar irá se “mostrar” por meio do sentido atribuído à palavra proferida”.

Segundo José F. Belisário Filho (2000), quando se fala em inclusão, fala-se em uma nova postura da sociedade, onde há mistura e permite que apareçam as diferenças. Isto se realizará se ocorrer uma mudança de pensamento na forma de tratar e educar, respeitando as diferenças como a singularidade que nos torna únicos. (Pereira; Cruz, 2016, p. 128)

Ainda falando sobre o sentido da inclusão, Sasaki (1997 apud Pereira; Cruz, 2016, p. 128) define inclusão social como “sistema pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, e estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”.

Com isso, torna-se importante saber quando foi que a inclusão, em todas as suas formas, começou a protagonizar em cenário de mudanças nas diferentes esperas. Sobre isso, Maior (2015 apud Pereira; Cruz, 2016, p. 128) afirma que:

A partir da década de 1960 o movimento de reivindicação de direitos, e a luta contra a opressão e pelo protagonismo das pessoas com deficiência, surgiram o modelo social da deficiência em contraposição ao modelo meramente biológico. O modelo social tem por foco as condições de interação entre a sociedade e as pessoas com limitações funcionais. As pessoas com deficiência são sujeitos de direitos, com autonomia e independência para fazer suas escolhas, contando com apoios sociais. As intervenções devem ser realizadas na esfera atitudinal e na provisão de acessibilidade nas construções e espaços urbanos, nos transportes, nas diversas formas e sistemas de comunicação, de informação, assim como acesso à tecnologia assistiva.

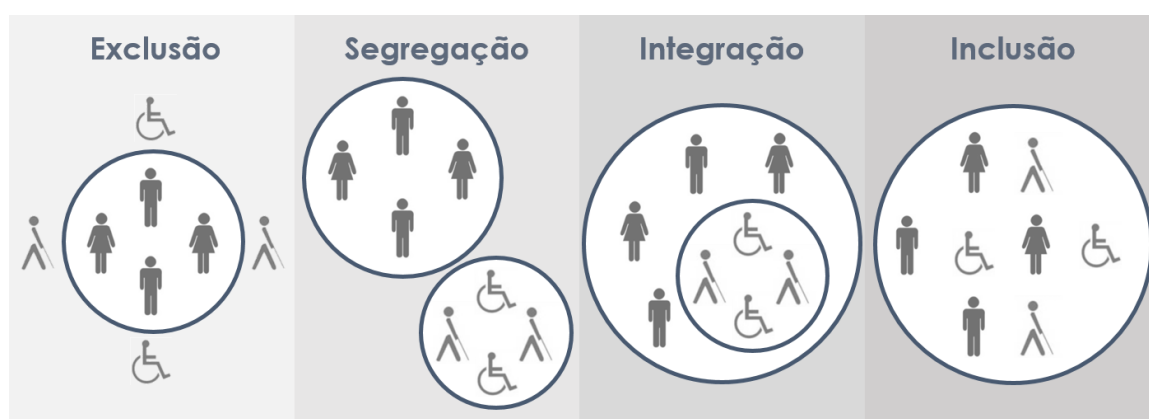
A partir disso, começa-se a entender que a inclusão de pessoas com alguma deficiência não é simplesmente fazer projetos de acessibilidade em locais públicos e transporte, vai muito além disso. É preciso entender que a inclusão é uma movimentação social, em que o deficiente pode se tornar protagonista de suas próprias escolhas, incluindo sua convivência em ambientes sociais, locais de trabalho, transportes, escolha de sua moradia, escolha de suas roupas, refletindo diretamente no seu modo de vida e de viver, trazendo para essas pessoas o controle de suas vidas e escolhas, atuando diretamente na sociedade.

O processo de inclusão deve iniciar tão logo as necessidades sejam percebidas e compreendidas. “Segundo a *Inclusion International*, é importante reforçar que a educação inclusiva diz respeito a todas as pessoas, sem exceção” (Feitosa, 2020). Na sociedade, em geral, existe certa dificuldade para acolher a diversidade, mas é preciso entender a diferença entre alguns termos:

- **Exclusão:** é o afastamento de pessoas ou grupos por motivos étnico raciais, religiosos, sociais, econômicos, etc.;
- **Segregação:** é o ato de segregar, pôr de lado, de separar, isolar ou apartar. É o processo de dissociação mediante o qual indivíduos e grupos perdem o contato físico e social com outros indivíduos e grupos. Essa separação ou distanciamento social e físico é oriundo de fatores biológicos ou sociais, como raça, riqueza, educação, religião, profissão, nacionalidade, entre outros;

- **Integração:** é o processo de introdução de indivíduos ou grupos em contextos sociais maiores, com padrões e normas mais gerais. A integração nas organizações envolve inserir times diversos em quase todas as áreas, mas sem alterar a estrutura e/ou cultura daquele meio.
- **Inclusão:** é um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidade para todos.

Figura 3 – Incluir é preciso



Fonte: LUITZ, 2017.

A partir dessas definições parte-se para o questionamento de como está sendo trabalhada a área da moda para se tornar inclusiva. Será que estão sendo considerados os vários tipos de corpos, as várias deficiências e necessidades especiais no desenvolvimento de coleções, tecidos, modelagens e tudo o que envolve as vestimentas?

Sendo assim, é preciso que se tenha um olhar perspicaz para perceber que desenvolver bens e serviços voltados para o público deficiente, pode torná-los usuários e consumidores fiéis, uma vez que passem a se sentir parte de um todo.

Consegue-se ver alguns indícios de direcionamento dos estudos que incluem pessoas cadeirantes, obesos, deficientes visuais, pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), mas ainda há muito o que se considerar, e aí encaixam-se as pessoas com Síndrome de Down, que embora saiba-se que esta é a síndrome com maior incidência, ainda não tem os olhares voltados para as suas necessidades em relação às roupas e sapatos.

Pontuando a moda, como já definido na página 15, de acordo com Mello (2024, p. 5):

A moda pode ser considerada um espaço de significação e conexão, mas também pode se configurar como fonte de exclusão, de desigualdades e de conflitos psicossociais, sobretudo quando limita a capacidade de determinado público em tomar decisões no mercado visando maximizar sua utilidade e seu bem-estar.

De acordo com a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência (São Paulo, 2012 apud Pereira; Cruz, 2016, p. 129), “moda inclusiva é uma proposta para incluir tipos de corpos que a indústria, de hoje, não contempla”.

A moda então, torna-se um atributo de conhecimento do ser, em que a pessoa se identifica com seu estilo de se vestir e tenta buscá-lo para mostrar sua própria identidade e capacidade de escolha. O ato de vestir-se demonstra quem cada um é para o mundo, tendo o poder de transmitir informações a seu respeito, que começa no momento em que se escolhe a roupa ao acordar até o momento em que se veste para dormir. Todas estas escolhas refletem a personalidade e demonstram o pertencimento das pessoas a um grupo em que ela se identifique. “A partir do momento em que uma pessoa fica privada de usar as roupas que gostaria, perde parte da capacidade de expressar a sua personalidade por meio do vestuário” (Pereira; Cruz, 2016, p. 129).

Sendo assim, surge um novo campo de pesquisas e desenvolvimentos, em que os designers e modelistas precisam se atentar às especificidades dessa população, o que inclui a ergonomia, compatibilidade de movimentos, adaptações antropométricas e conforto para poderem desenvolver suas coleções de modo a contemplar também as pessoas deficientes. Assim, de acordo com Auler (2014, p. 12), a moda inclusiva tem o papel de proporcionar as facilidades para as pessoas com deficiência em relação ao vestuário, “uma vez que facilita o cotidiano e proporciona maior autonomia, principalmente no ato de vestir e despir”.

Dentro do campo do design, segundo Pereira e Cruz (2016, p. 127), “pensar num tipo de moda completamente diferente do que foi pensado até hoje significa inovar, romper barreiras e ganhar valores de vanguarda”. Neste sentido, para Ferreira e Venturelli (2021, p. 269), “criar uma vestimenta para uma pessoa com deficiência é totalmente diferente de criar para pessoas sem nenhum problema motor”, e “esse é o papel do designer, inovar sempre para o bem da função e da estética” (São Paulo, 2012, p.17 apud apud Pereira; Cruz, 2016, p. 127).

Quando um designer pensa e desenvolve uma roupa a partir de seus conhecimentos de ergonomia e aplicando-os às necessidades especiais de um grupo, ele aumenta a população que pode se adequar aos seus produtos, conforme cita Simões (2007).

A moda inclusiva “instiga a pensar no próximo, a pensar em necessidades diferentes das suas, desejos diferentes. Dessa forma o sentimento que se tem com relação às peças também se torna distinto, porque estamos lidando com pessoas especiais” (Meurer; Schiehl, 2018, p. 4).

“A moda impacta diretamente na maneira em que as pessoas são apresentadas ao mundo e por essa razão necessita ser democratizada e humanizada” (Costa; Amorim, 2018 apud Santos, 2023, p. 19). Desta forma, em relação ao design, “essa abordagem humanizada tem o indivíduo como ponto central para a concepção de produtos, independente de padrões” (Santos, 2016 apud Santos, 2023, p. 19).

Segundo, Ferreira e Venturelli (2021, p. 270), “algumas pesquisas voltadas a essa temática têm sido desenvolvidas desde os anos de 1970 com Victor Papanek, desenhista industrial e diretor de Design do *California Institute of the Arts*”, momento em que ele instigou os designers a olharem para as pessoas com necessidades especiais e desenvolvessem pesquisas direcionadas a resolução de problemas sociais e atendimento as pessoas independente de sua condição econômica ou social. Seguindo a isto, nas décadas de 1980 e 1990 aumentou o interesse pelos estudos dos aspectos de inclusão social e acessibilidade por parte dos designers. Desta forma, “o design inclusivo compreende o desenvolvimento de produtos e/ ou ambientes que permitam a utilização por pessoas com diferentes capacidades, contribuindo para a não discriminação e inclusão social”.

De acordo com a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, a moda inclusiva:

[...] é uma proposta de moda que propõe incluir tipos de corpos que a indústria hoje não contempla. Todos sabemos dos rígidos padrões da moda tradicional, onde apenas um tipo muito específico de corpo é olhado: principalmente pessoas altas, magras e sem nenhum empecilho de movimento. A Moda Inclusiva vai além e pretende incluir pessoas com deficiência. Porque elas existem e são muitas, quase um quarto de toda a população brasileira. (Auler, 2012, p. 7 apud Santos, 2023, p. 19)

O campo da moda, ainda que venha disseminando discursos em prol da diversidade (evidentemente com interesses mercadológicos), segue priorizando corpos, comportamentos e perfis específicos que estão longe de corresponder à representatividade das diferenças.

Segundo Santos (2023, p. 19), por muito tempo, os produtos do mercado da moda foram projetados e produzidos para um específico padrão de beleza, bem como de tamanho. Nesse contexto, não atendendo os biotipos que não estão contidos nesse padrão. Assim sendo, a moda inclusiva surgiu como uma proposta para incluir todos os padrões.

Figura 4 – Moda inclusiva



Fonte: Santos, 2023.

Depois de entender todo o contexto e a importância da inclusão social e da moda inclusiva, é preciso voltar os olhares à população específica descrita neste trabalho, as pessoas com Síndrome de Down.

Desenvolver a moda para pessoas com Síndrome de Down não é somente identificar suas especificidades físicas, que já são muitas, mas também entender mais profundamente suas emoções e vivências, o que torna a pesquisa muito mais extensa.

É preciso entender que esta população geralmente tem seus interesses oscilantes entre um comportamento infantil e um comportamento adulto, visto que, ao mesmo tempo em que namoram, trabalham e têm uma vida social ativa, se encantam com aspectos lúdicos como fantasias, cores vibrantes, músicas alegres e atividades em grupos.

Deve-se considerar que, com o avanço da medicina e da tecnologia, a expectativa de vida das pessoas com Síndrome de Down está aumentando a cada ano, e que a participação deles na vida econômica tem sido considerável, o que traz a preocupação também de desenvolver roupas e sapatos que se adequem aos ambientes de trabalho, lazer, festa e convivência.

É importante salientar também, que todo o processo de desenvolvimento emocional e psicológico têm suas especificidades, sendo eles mais sensíveis e sujeitos à influência de fatores externos e pessoas de seu convívio, logo a integração de todos esses conhecimentos tornam-se fundamentais.

Por fim, se for considerado o desenvolvimento de moda inclusiva para os portadores de Síndrome de Down é de grande valia a participação de diversos profissionais, incluindo além dos designers, modelistas e pesquisadores de tendência, e profissionais da saúde que lidam com as dificuldades do dia a dia, como fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos e pedagogos, o que torna um trabalho multidisciplinar.

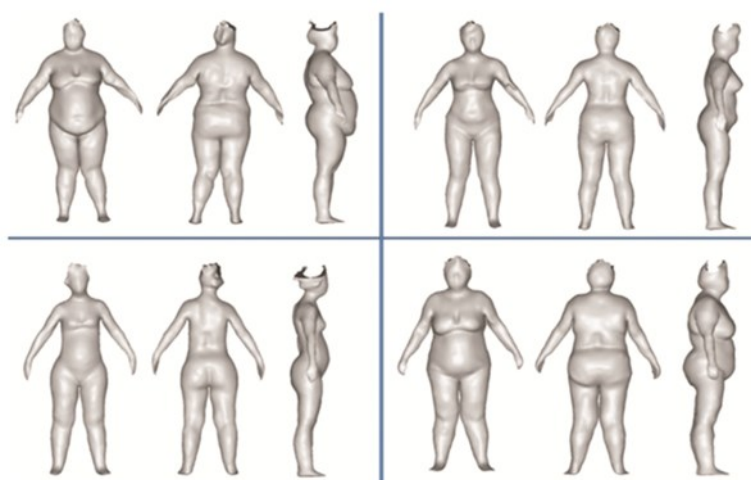
4 DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ADEQUAÇÃO DAS VESTIMENTAS PARA PORTADORAS DA SÍNDROME DE DOWN

O processo de confecção de roupas, especialmente na modelagem, infelizmente não consegue atender às necessidades específicas de populações “especiais”, como as pessoas com Síndrome de Down. É claro que deve-se considerar que, para produção em larga escala, é difícil pensar nas necessidades especiais de cada população, mas pode-se pensar em estratégias de modelagem e tecidos que se adequem aos diferentes corpos que também precisam de roupas que lhes agradem.

Como já mencionado na página 12, os portadores da Síndrome de Down possuem características físicas e biológicas que os diferencia dos demais.

Neste sentido, um grupo de engenheiros têxteis (Barboza; Carvalho; Ferreira; Xu, 2016), realizaram um estudo sobre as principais características e antropometria de pessoas com Síndrome de Down que impactam no design do vestuário. Para isso, realizaram a medição de 60 pessoas com Síndrome de Down, sendo 29 do sexo masculino e 31 do sexo feminino, com idades entre 19 e 50 anos. Após a medição, um scanner corporal 3D foi ajustado para gerar imagens individuais em 3D.

Figura 5 – Imagens em 3D de 4 mulheres















Fonte: Barboza et al., 2016, p. 7.

A partir da coleta de medidas e de imagens corporais virtuais obtidas por meio do scanner corporal 3D, foram utilizadas abordagens qualitativas e quantitativas para análise dos dados. A análise visual foi vinculada às medidas das variáveis escolhidas no estudo (busto, cintura, quadril e abdômen). Além disso, a correlação entre a relação busto/cintura e a relação quadril/cintura possibilitou classificar as formas corporais dos indivíduos da amostra. Esta classificação foi baseada em estudos de Karla Simmons que desenvolveu uma metodologia para identificar os tipos de corpos das mulheres americanas e forneceu a base para o desenvolvimento do software *Female Figure Identification* (FFIT) para vestuário. (Barboza et al., 2016, p. 7)

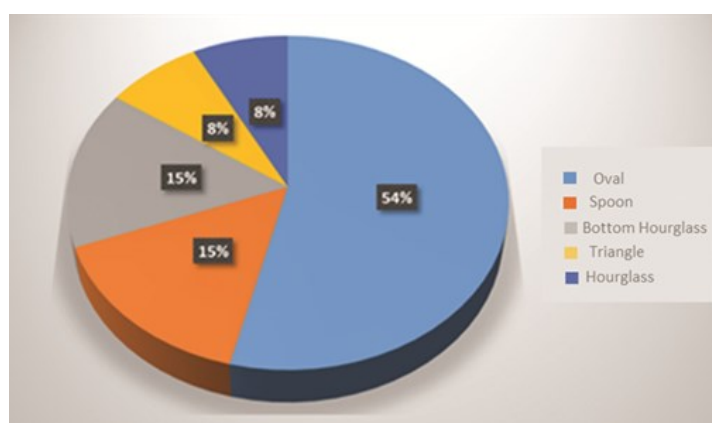
“É importante ressaltar que a população estudada é considerada em sua maioria endomórfica, por apresentar formas arredondadas, com depósitos consideráveis de tecido adiposo, abdômen proeminente, pernas curtas e braços curtos” (Barboza et al., 2016, p. 8, tradução nossa).

Figura 6 – Comparação entre os principais biótipos e a população alvo do estudo

ID	Subjects	Variables/Measured	Classification Software FFIT	Classification SHELDON	
ID 006		BUST	105,30	 OVAL	 ENDOMORFO
		WAIST	97,10		
		ABDOMEN	105,60		
		HIP	104,90		
ID 016		BUST	129,29	 OVAL	 ENDOMORFO
		WAIST	111,15		
		ABDOMEN	118,97		
		HIP	121,41		
ID 019		BUST	83,32	 TRIANGLE	 MESOMORFO
		WAIST	69,47		
		ABDOMEN	78,36		
		HIP	85,06		
ID 023		BUST	118,35	 OVAL	 ENDOMORFO
		WAIST	98,71		
		ABDOMEN	106,85		
		HIP	121,45		

Fonte: Barboza et al., 2016, p. 8.

Figura 7 – Formas corporais da amostra feminina com Síndrome de Down



Fonte: Barboza et al., 2016, p. 8.

Além destes dados, Barboza et al. (2016, p. 9), apresenta uma planilha do Microsoft Excel contendo os dados de 13 participantes em que foram consideradas, além da idade e do peso, 33 medidas corporais “para permitir o desenvolvimento da metodologia de design de padrões e atingir os objetivos do estudo” (tradução nossa).

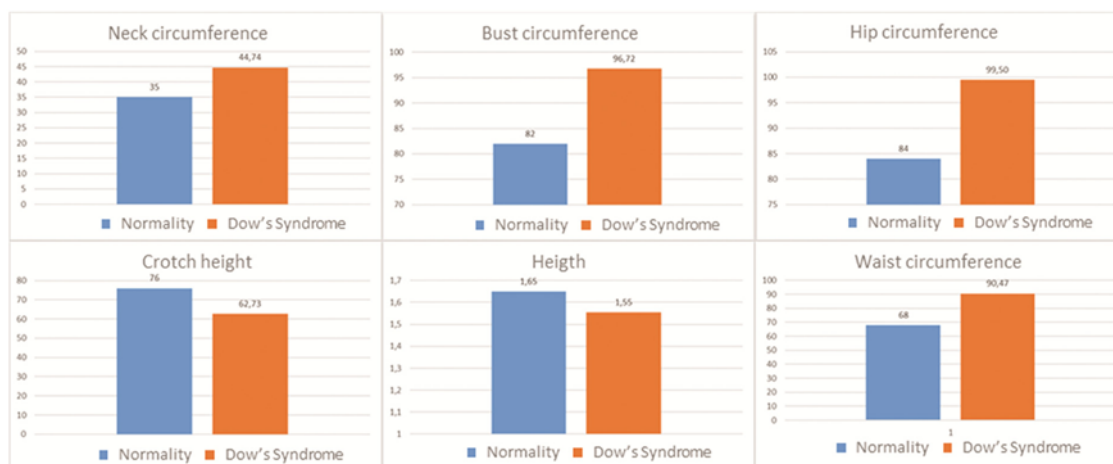
Figura 8 – Medidas de 13 participantes mulheres

Ordem	ID002	ID006	ID007	ID008	ID009	ID010	ID011	ID014	ID015	ID016	ID019	ID020	ID023
Age	42	30	38	37	34	48	34	34	32	25	27	35	30
Weight	45,000	57,600	78,100	60,400	65,000	77,300	77,800	61,900	62,400	93,000	46,600	54,600	74,100
1. Neck circumference	41,92	42,62	42,68	43,43	43,76	41,84	41,59	43,14	37,72	47,69	34,61	43,23	43,71
2. Shoulder width	34,30	37,64	41,56	40,91	42,43	42,37	38,33	39,34	41,20	42,23	33,32	41,14	41,31
2. Shoulder depth	14,59	16,10	14,10	15,70	15,89	17,21	14,41	18,39	14,19	19,35	16,23	16,52	16,97
3. Bust circumference	84,76	105,25	108,84	107,33	113,93	109,74	100,71	100,19	105,02	129,29	83,32	95,69	118,35
4. Waist circumference	73,00	97,10	92,89	93,96	99,78	93,97	86,49	85,34	89,62	111,15	69,47	75,71	98,71
5. Abdomen circumference	84,45	105,56	104,34	106,44	106,90	120,58	98,04	96,88	101,48	118,97	78,36	89,99	106,85
6. Hip circumference	100,39	104,86	111,10	112,15	115,06	128,70	117,87	109,66	104,82	121,41	85,06	99,59	121,45
7. Upper thigh circumference	62,41	58,00	72,46	64,04	57,18	72,83	71,00	66,14	60,50	70,85	59,92	60,07	68,07
8. Mid thigh circumference	48,60	46,14	57,21	48,82	46,69	60,05	63,54	51,02	48,67	59,26	48,38	49,98	54,53
9. Knee circumference	34,72	35,02	42,55	35,08	32,20	42,51	45,40	37,86	35,34	41,71	40,20	38,36	45,92
10. Calf girth circumference	36,44	37,16	43,19	36,82	37,22	41,95	43,21	39,88	37,71	45,28	40,43	40,34	46,85
11. Ankle circumference	22,20	23,57	26,88	24,07	23,20	28,19	29,78	27,15	23,78	27,34	28,48	27,11	29,27
13. Base neck	32,18	39,72	31,64	37,71	32,25	38,22	34,01	34,45	34,14	39,58	34,32	33,98	35,96
14. Front neck height	109,99	109,52	121,07	107,64	111,18	118,96	130,58	117,19	118,88	123,49	114,17	114,17	115,28
15. Back neck height	113,73	113,47	125,07	111,65	115,35	124,01	134,06	121,30	122,24	127,99	117,48	118,32	120,00
15. Across shoulder front length	19,89	20,04	23,26	21,43	22,70	25,16	27,11	23,61	22,15	25,22	17,70	23,25	24,53
17. Across shoulder back length	22,86	23,18	23,63	23,28	24,15	26,31	26,18	25,03	24,13	26,41	20,84	24,55	25,99
32. Bust height	93,53	90,27	102,56	91,80	95,46	100,74	110,59	96,86	100,32	103,32	98,81	97,71	96,40
41. Front neck to left bust	18,22	23,11	23,26	19,24	20,71	21,45	23,71	22,76	22,85	27,07	17,57	19,56	21,89
42. Front neck to right bust	18,79	23,33	22,40	18,97	19,40	22,05	24,22	23,16	23,26	27,85	17,25	20,16	22,20
76. Waist height	83,33	77,30	96,22	79,71	86,06	88,91	101,39	89,59	91,38	93,56	86,52	88,56	87,82
79. Front full length (neck-bust-waist)	32,86	43,06	33,81	37,87	33,61	40,83	38,34	38,43	38,25	41,83	33,92	35,92	37,18
80. Back full length (neck-bust-waist)	35,87	39,71	33,39	37,86	36,87	40,08	36,12	36,09	35,14	38,84	35,35	34,96	37,64
84. Hip Height	64,71	66,25	82,32	68,01	67,55	71,61	75,92	69,70	81,63	83,63	76,02	69,76	70,55
89. Crotch height	56,06	50,90	62,41	54,41	53,46	60,73	67,47	59,40	61,79	62,22	56,74	59,09	57,74
94. Croth length-front	38,34	37,98	48,67	27,44	39,49	46,36	46,65	41,60	40,71	33,40	36,72	37,22	46,37
95. Crotch length-back	35,29	35,03	46,81	37,18	54,80	45,59	45,42	42,52	38,34	61,54	39,00	38,19	40,21
93. Crotch length full	73,63	73,01	95,47	64,62	94,29	89,03	92,07	84,12	79,04	94,94	75,73	75,75	86,58
96. Thigh height	55,42	50,41	62,08	53,71	52,36	59,89	67,25	58,71	61,23	59,80	56,65	58,66	57,47
99. Elbow circumference	22,29	24,99	30,31	28,27	25,60	28,02	25,91	26,89	23,30	30,10	22,57	24,61	26,39
100. Wrist circumference	15,24	16,71	21,33	21,54	18,40	16,74	16,34	15,30	14,18	16,70	15,93	12,97	15,78
101. Upper arm circumference (bicep)	27,77	27,52	35,84	30,87	30,87	41,83	29,10	42,52	36,92	48,15	30,53	40,14	42,36
33. Height	1,31	1,34	1,46	1,32	1,34	1,43	1,56	1,42	1,44	1,48	1,39	1,40	1,39

Fonte: Barboza et al., 2016, p. 9.

No caso dos homens, com os dados das medições, foi “possível gerar gráficos comparativos entre indivíduos saudáveis, considerados dentro da normalidade, de 1,65 m de altura (medida de tabela padrão portuguesa) e indivíduos do sexo masculino com síndrome de Down participantes do estudo” (Barboza, et al. 2016, p. 10).

Figura 9 – Gráficos comparativos entre Síndrome de Down e população masculina saudável



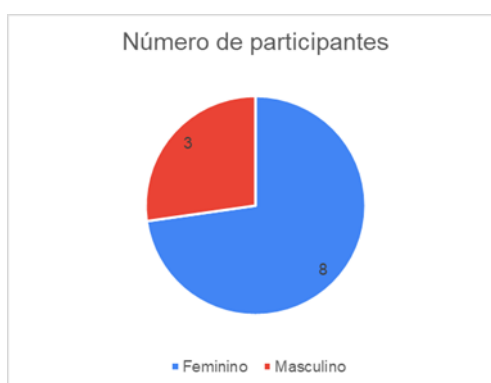
Fonte: Barboza et al., 2016, p. 10.

Neste mesmo sentido, de buscar dados para melhor pensar no desenvolvimento de peças voltadas para o público portador de Síndrome de Down, foi feito um questionário (dados a seguir) com perguntas simples, e este foi disponibilizado via online para que as pessoas com Síndrome de Down, ou familiares responsáveis respondessem.

O questionário possuía dez questões, e possibilitou que as pessoas escrevessem suas opiniões. Abaixo estão demonstrados os dados coletados na pesquisa.

No total a pesquisa contou com 12 participantes, sendo 8 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, porém, foi eliminado um participante por desconfiança de que o mesmo tenha respondido duas vezes.

Figura 10 – Número de participantes

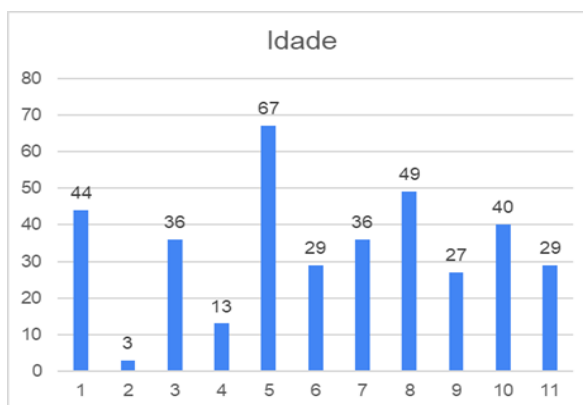


Fonte: Da autora, 2024.

Nas tabelas apresentadas a seguir, os indivíduos estão numerados e a numeração será mantida para todos os dados apresentados nas imagens e tabelas.

A idade variou de 3 a 67 anos, porém, a grande maioria das respostas foi dada por participantes na idade adulta, que tinham entre 27 e 67 anos, conforme mostrado na tabela abaixo.

Figura 11 – Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2024.

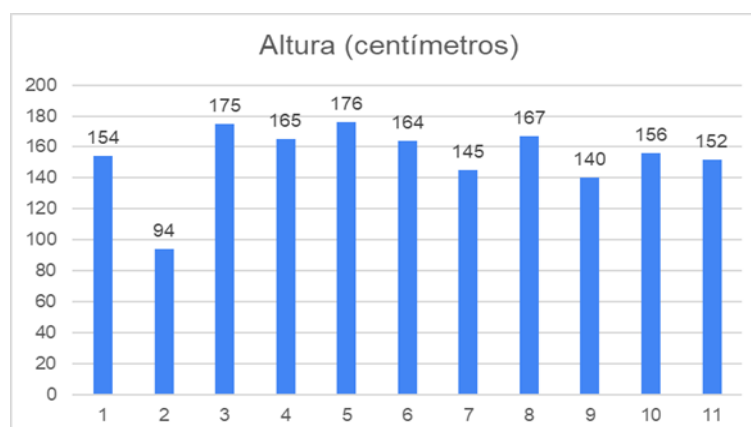
O peso variou entre 14 quilogramas (Kg) e 110 Kg, sendo que uma resposta foi desconsiderada por não ser precisa, e a altura entre 0,94 metros e 1,76 metros, dados estes representados nas tabelas abaixo.

Figura 12 – Peso dos participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2024.

Figura 13 – Altura dos participantes da pesquisa



Fonte: Da autora, 2024.

Agora, após apresentados os dados, tal qual foram coletados, segue uma análise do cruzamento de peso e altura, que são resultados de uma fórmula utilizada para cálculo de peso adequado, chamado de IMC (Índice de Massa Corporal), e que tem uma tabela estabelecida de classificação, desde muito abaixo do peso até obesidade grau III, conforme segue.

Figura 14 – Tabela de Índice de Massa Corporal (IMC)

IMC (Kg/ m²)	Classificação
Menor que 16,9	Muito abaixo do peso
17 a 18,4	Abaixo do peso
18,5 a 24,9	Peso normal
25 a 29,9	Acima do peso
30 a 34,9	Obesidade grau I
35 a 39,9	Obesidade grau II
Maior que 40	Obesidade grau III

Fonte: Supera Farma, 2022.

Na tabela a seguir estão descritos os dados dos participantes, bem como seu IMC calculado e a classificação. Foram desconsiderados dois participantes: um por ser criança e utilizar uma tabela diferente de classificação, e outro por ter dados com suspeita de erro digitados. Analisando esta tabela, observa-se que 88,8% dos participantes considerados são classificados com algum grau de obesidade, sendo a obesidade grau I a mais frequente.

Figura 15 – Tabela com os dados dos participantes para obter seus Índices de Massa Corporal (IMC)

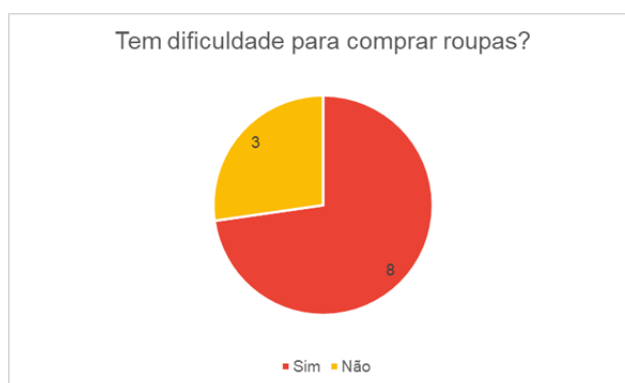
Idade	Peso	Altura	IMC	Classificação
44	70	1,54	29,51	Acima do peso
3	14	0,94	15,84	Desconsiderado
36	100	1,75	32,65	Obesidade grau I
13	107	1,65	39,30	Obesidade grau II
67	98	1,76	31,63	Obesidade grau I
29	90	1,64	33,46	Obesidade grau I
36	2700	1,45	1284	Desconsiderado
49	69	1,67	24,74	Peso normal
27	70	1,40	35,71	Obesidade grau II
40	110	1,56	45,20	Obesidade grau III
29	65	1,52	28,13	Acima do peso

Fonte: Da autora, 2024.

Com base nas duas pesquisas (Barboza et al, 2016; e da autora, 2024), percebe-se que para a adequação de peças de roupa para portadores de Síndrome de Down, é preciso levar em conta que estes tendem a ser endomorfos (por apresentar formas arredondadas, predominantemente ovais, com depósitos consideráveis de tecido adiposo (obesidade grau I), abdômen proeminente, pernas e braços curtos), por isso tendem a encontrar roupas com maior facilidade em lojas que vendem tamanhos *plus size*, mas devido a detalhes específicos como pernas e braços curtos, estas, geralmente, necessitam de ajustes.

Na pesquisa realizada pela autora, a terceira e quarta pergunta foram para responderem se tinham dificuldade em comprar roupas e quais eram essas dificuldades. Foi desconsiderada uma resposta sobre qual é a dificuldade por não estar clara.

Figura 16 – Nível de dificuldade dos participantes em relação a compra de roupas



Fonte: Da autora, 2024.

Figura 17 – Dificuldades encontradas pelos participantes em relação as roupas

Qual a dificuldade encontrada?
Tamanho certo, mangas muito longas e calças sempre muito compridas
Comprimento das calças e roupas estilosas acima do tamanho GG
Calças folgadas principalmente cintura e no quadril
Tamanho condizente com a idade
Baixa estatura e peso acima da média
Tamanhos adequados e menores no comprimento
Por ser pequena, roupa para minha idade ficam com mangas e pernas das calças sobrando

Fonte: Da autora, 2024.

Outro aspecto que deve ser considerado é que, apesar do portador da Síndrome de Down, como já citado na página 12, ter “atraso global do desenvolvimento neuropsicomotor ou comprometimento intelectual”, significa que ele terá algumas limitações, mas conseguirão realizar, praticamente, tudo que uma pessoa normal consegue, como estudar, trabalhar, namorar, e se divertir. Neste ponto, Andrade e Silva (2018, p. 5) colheram em pesquisa as preferências de 12 adultos (entre 18 e 34 anos, sendo um do sexo masculino e 11 do sexo feminino) nas atividades lúdicas e nos locais para passeio, em que fica claro o gosto por diversão, principalmente as que envolvem dança e música.

Figura 18 – Imagens em 3D de 4 mulheres

Atividades prediletas	n	Locais prediletos para passear	n
Assistir à TV	3	Shows/baladas	4
Usar o computador	3	Cinema	4
Dançar	3	Teatro	2
Cantar	1	Shopping	1
Picar papel	1	Pizzaria	1
Colorir	1	Centro da cidade	1
Atividades domésticas	1	Escola	1
Ficar na varanda de casa	1	Casa de parentes	1
Fazer artesanato	1		
Jogar	1		

Fonte: ANDRADE; SILVA, 2018, p. 5.

É preciso entender que esta população geralmente tem seus interesses oscilantes entre um comportamento infantil e um comportamento adulto, visto que, ao mesmo tempo em que namoram, trabalham e têm uma vida social ativa, se encantam com aspectos lúdicos como fantasias, cores vibrantes, músicas alegres e atividades em grupos. Neste sentido, a pesquisa realizada pela aluna, também colheu dados sobre as cores preferidas.

Figura 19 – Cores preferidas pelos participantes



Fonte: Da autora, 2024.

Além das questões ligadas a roupa, a pesquisa realizada pela autora também colheu dados sobre os calçados, por serem parte do vestuário e por, também, necessitarem de um olhar especial.

Figura 20 – Nível de dificuldade dos participantes em relação a compra de sapatos



Fonte: Da autora, 2024.

As dificuldades elencadas pelos participantes estão descritas a seguir exatamente como foram respondidas, e uma resposta foi desconsiderada pelo fato de a pessoa não ter se expressado adequadamente.

Figura 21 – Dificuldades encontradas pelos participantes em relação aos sapatos

Qual a dificuldade encontrada?
Joanete
O pé é largo e chato, a maioria dos calçados são de pano e isso dificulta o suporte
Pé gordinho
Número muito pequeno, geralmente 32/33 e tênis e bota 34
Pés gordinhos
Dedos curtos para sandálias e pés chatos para sapatos

Fonte: Da autora, 2024.

Uma resposta em especial chamou a atenção em relação aos calçados, em que a pessoa diz que os sapatos confortáveis são de “pano” e não oferecem sustentação adequada ao corpo. Considerando que a maioria dos portadores de Síndrome de Down têm o arco do pé desabado, fica fácil imaginar a falta de sustentação de um sapato de tecido, uma vez que o mesmo não firma nem o arco do pé e nem o tornozelo para sustentar uma posição adequada que evite quedas e torções.

Quando são verificadas as respostas dadas pelos participantes, nota-se que a maioria relata dificuldades parecidas ao procurarem roupas e sapatos que lhes sirvam, incluindo comprimento e largura inadequados.

A aquisição de roupas para obesos, denominadas de roupas *plus size*, sofrem grandes críticas por parte dos usuários, uma vez que não se têm uma tabela estabelecida de medidas e cada empresa utiliza seu próprio parâmetro para desenvolvimento das mesmas. Considerando que, as pessoas que utilizam *plus size*, sem nenhuma deficiência associada, relatam dificuldades de adequação, imagine como será para os portadores de Síndrome de Down.

Deve-se lembrar que, além do fato da obesidade, a própria constituição física das pessoas com Síndrome de Down já é diferente da constituição de uma pessoa sem a síndrome, no que diz respeito ao comprimento de membros e tônus muscular, o que lhes confere um membro mais curto e arredondado. Isso acarreta dificuldades em encontrar roupas com comprimento e larguras adequados e sapatos que sejam confortáveis.

Desta forma, a pesquisa realizada pela autora, colheu sugestões que tivessem para dar para as confecções, ambas com as respostas a seguir.

Figura 22 – Sugestões para que as confecções possam adequar suas peças para este público

Você tem alguma sugestão para dar para as confecções?
Roupas confortáveis e ajustáveis
Lavarem os tecidos antes de fazerem as roupas
Tecido que não amarrota
Tecidos confortáveis e maleáveis
Mais largas e que disfarcem um pouco altura e peso
Tamanhos adequados e comprimentos menores para vestirem melhor

Fonte: Da autora, 2024.

Quando se analisa as sugestões dadas às confecções, fica claro o problema de adequação ao tamanho e o conforto esperados pelas pessoas, pois as mesmas, em sua maioria, sugerem tecidos mais confortáveis e modelagens mais adequadas.

5 PROPOSTAS DE ALTERAÇÕES NAS PEÇAS DE ROUPA PARA ATENDER AS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

É interessante pontuar que o propósito deste trabalho é entender que as pessoas com Síndrome de Down possuem dificuldades de encontrar roupas que se adequem ao seu biotipo, identificando quais são as dificuldades e propondo alterações nas roupas e sapatos, logo a maior discussão está voltada para este aspecto, mas também é importante salientar que, dentro do campo da moda inclusiva, segundo Mello (2024, p. 4), “ainda há pouca representatividade das pessoas deficientes em campanhas e desfiles de moda, o que mostra a falta de oportunidade de atuação desta população diretamente no mercado”.

Tendo em vista de que os indivíduos portadores de Síndrome de Down têm vida social ativa, eles também têm preferências no campo da moda, estando atento as tendências e possibilidades ofertadas em lojas *fashionistas*, mas que raramente estão ao alcance de pessoas de tamanhos maiores, incluído os portadores de Síndrome de Down.

Figura 23 – Portadores de Síndrome de Down vestindo roupas modernas



Fonte: Da autora, 2024.

Desta forma, analisando os dados apresentados no capítulo anterior pode-se seguir duas linhas de raciocínio: uma pensando e desenvolvendo roupas e sapatos com modelagens que sejam versáteis e adaptáveis aos diferentes tipos de corpos, e outra desenvolvendo uma marca que seja diretamente voltada para as pessoas com Síndrome de Down, em que o desenho e a modelagem sejam exclusivos para as necessidades delas, considerando assim, que a moda se torna cada vez mais inclusiva.

No caso das pessoas com Síndrome de Down, as adaptações mais necessárias, aos olhos dos próprios, são a largura e comprimento das roupas e conforto e ajuste nos sapatos.

Pensando-se primeiramente nos calçados, sabe-se que os tênis, geralmente, são bem confortáveis, pois a maioria tem sistema de amortecimento e palmilhas confortáveis, além de existirem vários modelos feitos de tecidos encorpados que sustentam os pés, porém, as sandálias e sapatos sociais acabam deixando uma lacuna de conforto e adaptação aberta. As sandálias, em geral, não se adaptam à conformação dos pés e acabam deixando os mesmos sem suporte e causando dores e instabilidades, com raras exceções das de modelo *papete* que, geralmente, têm velcros utilizados como fechos, que se ajustam à conformação dos pés. Já em relação aos sapatos sociais, sapatilhas e sapatênis, o problema é um pouco mais extenso, porque geralmente esses calçados são mais baixos, com sola reta e menos flexíveis, o que dificulta o conforto e adaptação dos pés.

Torna-se interessante que as empresas direcionem seu desenvolvimento para calçados que tenham palmilhas adaptáveis às curvaturas dos pés, já que os mesmos costumam ter o arco desabado, bem como que sejam feitos de material confortável, porém, que ofereçam sustentação adequada para que não altere a pisada e a marcha dos usuários.

Em relação aos sapatos, sugere-se que estes mesquem necessidades já atendidas em três públicos:

- *Plus size*: em que os calçados precisam ser maiores na panturrilha (em caso de botas) e no tornozelo, e no peito do pé que, geralmente, é mais alto ou inchado. Além disso, necessitam de um solado mais resistente que suporte um peso maior, mas que ao mesmo tempo seja macio para absorver o impacto sem gerar dor nos pés e pernas;

- Idosos: em que os calçados precisam ser confortáveis, mas, ao mesmo tempo, sejam firmes para dar firmeza e suporte ao corpo. Também precisam ser fáceis de calçar, evitando cadarços, por exemplo, que além da dificuldade de amarrar, aumenta o risco de queda se estiver solto;
- Diabéticos: em que os calçados precisam que as costuras não causem ferimentos, que posteriormente são de difícil cicatrização;

Figura 24 – Sapatos adequados e inadequados para portadores de Síndrome de Down



Fonte: Da autora, 2024.

Em relação às roupas, têm-se que analisar por alguns ângulos diferentes sendo eles as adaptações que se referem aos tamanhos e larguras de mangas e pernas, a largura de cintura e quadril e os sistemas de fechamentos das peças que facilitem o vestir.

Designers de moda precisam pensar no fator ergonômico ao desenvolver as modelagens de suas peças, aplicando seus conhecimentos às necessidades especiais deste grupo.

Figura 25 – Adequação ergonômica da modelagem para roupas de portadores de Síndrome de Down



Fonte: HUANG, 2020.

Considerando primeiramente o quesito de comprimento e largura, é interessante notar que tanto as mangas de blusas como as pernas de calças sempre ficam justas na largura e sobram no comprimento. Isso ocorre porque os membros, tanto inferiores como superiores, dos portadores de Síndrome de Down são mais curtos e hipotônicos, o que lhes dá uma conformação mais arredondada, sem tantas delimitações musculares.

Algumas estratégias podem ser pensadas e desenvolvidas, como a utilização de elásticos nas barras, cordões ou elásticos de ajustes, velcros ou botões de fácil fechamento, criar subdivisões com zíper para que, quando comprida, fosse possível retirar uma das partes encurtando tanto as mangas quanto as pernas das calças.

Quando se pensa na largura de quadril e cintura das roupas é preciso lembrar que em geral eles são obesos, o que lhes confere uma circunferência maior de cintura e quadril. Sendo assim, também é possível que utilizar elásticos largos na cintura, pregas associadas aos elásticos, cordões de ajustes e velcros laterais, além de tecidos com elastano, que conferem um ajuste mais satisfatório no corpo.

Figura 26 – Possibilidades de ajuste de largura e comprimento



Fonte: Da autora, 2024.

Com toda a tecnologia existente na indústria têxtil, cabe aos desenvolvedores das peças pesquisarem tecidos que sejam confortáveis e que sejam bonitos, para que as roupas fiquem estilosas e possam refletir a personalidade dos clientes.

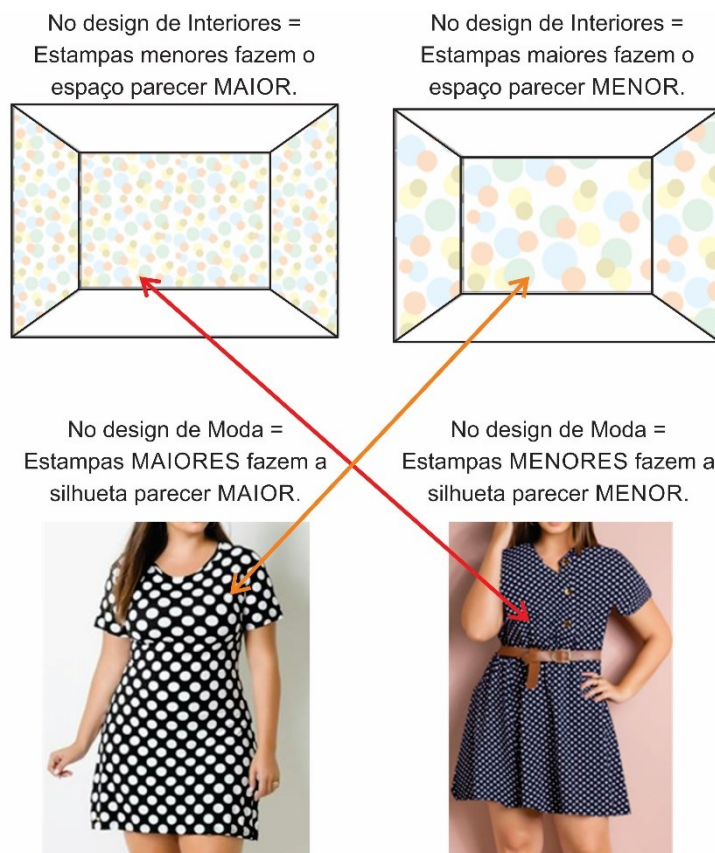
As alterações propostas anteriormente foram pensadas para roupas feitas em larga escala, que precisam contemplar os vários tipos de clientes.

É importante ressaltar, porém, que as pessoas com Síndrome de Down têm certa dificuldade na motricidade fina, o que torna importante desenvolver peças que sejam facilmente manipuladas, evitando que o usuário dependa de outra pessoa para ajudá-lo a se vestir. Sendo assim, o terceiro ponto que precisa ser considerado são os sistemas de fechamento das peças, substituindo os zíperes pequenos e botões por alternativas como zíperes maiores, velcros, elásticos e botões de pressão, que não demandam de grandes habilidades e destrezas manuais para que a pessoa consiga se vestir sozinha.

Se considerar todos os aspectos supra citados, o cenário ideal seria o desenvolvimento de uma marca exclusiva, que estudasse a compleição corporal das pessoas com Síndrome de Down de maneira abrangente, coletando suas medidas e estimando-se medidas padrão para que, desde o desenvolvimento do croqui, modelagens e fechamentos, tudo fosse direcionado para sanar as dificuldades citadas o que tornaria a moda mais inclusiva, pois as roupas seriam desenhadas e feitas de acordo com os gostos e peculiaridades deles.

Já em relação ao gosto por cores e estampas, como mencionado, boa parte destes indivíduos consome roupas compradas em lojas *plus size*, que, geralmente, se preocupam em disfarçar o tamanho das pessoas utilizando cores escuras e estampas grandes que, devido a um conceito do design de interiores, entende-se que estas devem ser grandes, pois no caso de interiores, paredes com estampas pequenas farão o espaço parecer maior, e estampas grandes farão parecer menor. O que os confeccionistas esquecem, é que corpos não são paredes, portanto, estas não deveriam ser uma regra a ser aplicada na área do design de moda, pois, além de não diminuir a massa corporal, muitas vezes, torna o indivíduo mais exposto. Na imagem a seguir é possível entender as teorias aplicada ao design de interiores e ao design de moda, que se percebe que tem efeitos contrários, ou seja, nas roupas, deveriam se aplicar estampas menores quando se deseja diminuir a silhueta.

Figura 27 – Estampas que disfarçam o tamanho de uma pessoa



Fonte: Da autora, 2024.

Neste quesito cores e estampas, uma sugestão é buscar referências no segmento chamado *kidult* (do inglês, *kid* (criança) + *Adult* (adulto)).

Segundo dados demográficos apresentados pelo IBGE (apud Pandolfo, 2008, p. 6), os adultos “correspondem ao grupo etário de 18 anos em diante. Em gerações anteriores, os jovens adultos buscavam ser identificados como tais, consumindo produtos e vestimentas destinados a este grupo etário”. Porém, atualmente, publicitários americanos e fabricantes de brinquedos que perceberam um comportamento “atípico” em alguns adultos que “compram e usam produtos identificados com o público infantil”, criando, então, o termo *kidult*. Com este tipo de “manifestação, cada vez maior, de adultos em busca de produtos relacionados ao consumo infantil, gerou este novo nicho de mercado”, em que estes adultos “infantilizados” são “vistos pelo mercado como grandiosas cifras de audiência e consumo”.

Na concepção de Furedi (2004 apud Pandolfo, 2008, p. 27), “é importante relatar que, por mais que alguns adultos apresentem este comportamento *kidult*, isso não significa que os mesmos irão tornar-se pessoas irresponsáveis, narcisistas e imaturas”. Assim como no caso dos portadores de Síndrome de Down, “ser *kidult* é apenas buscar outras formas de ver o mundo, mesmo que fantasiosas”.

Freqüentemente, no cinema ou em seriados, aparecem personagens que apresentam traços comportamentais de prolongamento da infância, ou de passá-la de vez e partir logo para a vida adulta. Mas sempre, ao final, os personagens que demonstraram este comportamento fora do comum, voltam a si e tornam a obedecer ao ciclo normal da evolução e amadurecimento humano. Essa mudança comportamental é incentivada pela moda, que dita a atualidade, podendo transformar a tendência em um novo padrão de consumo estabelecido ou então, um fenômeno isolado, causado por um determinado período de tempo. Assim, os novos grupos comportamentais são vistos com bons olhos, por serem considerados um grande potencial de consumo e de importância para o mercado atual. (Pandolfo, 2008, p. 7)

Neste sentido, pode-se citar o exemplo de Sean McElwee foi um dos participantes do “*Born this Way*”, o primeiro reality show sobre jovens com Síndrome de Down (Crianças Especiais, 2018). Em entrevista ao *Bold Journey* (2023), Sean contou que ao discursar em uma palestra sobre as pessoas nunca desistirem de seus sonhos, usou frases como “Isso é o que a fé pode fazer”; depois, já no programa de TV, também usou este tipo de frase, mas de forma engraçada. A partir disso, teve a ideia de fazer camisetas com estas frases.

Figura 28 – Sean McElwee e suas camisetas em seu perfil do Instagram



Fonte: McElwee, 2024.

6 CONCLUSÃO

Conclui-se com essa pesquisa que, embora o mundo esteja direcionando seus olhares para a inclusão, ainda pode-se perceber que há uma inclusão seletiva, em que as populações beneficiadas são sempre as mesmas.

É preciso entender que são várias as pessoas que precisam ser incluídas, não só no que diz respeito ao desenvolvimento de leis, mas também no acolhimento social, e aí está inserido o quesito moda.

Percebe-se que as pessoas com Síndrome de Down, embora tenham bastante reconhecimento e “benefícios”, ainda não estão sendo contempladas com vestimentas que lhes cabem confortavelmente e que sejam adequadas para as suas necessidades.

Ainda existe um longo caminho a ser trilhado para que eles sejam incluídos na moda, mas as ideias e interesse pelo assunto estão crescendo, e acredita-se que no futuro essa população seja beneficiada com uma moda que lhes acolha e ofereça produtos adequados para os seus corpos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Matheus Henrique de; GATTI, Márcio Antônio. Inclusão à moda brasileira: considerações sobre o termo “inclusão” e suas variantes no discurso da revista nova escola. Rev. Histedbr On-line, Campinas-SP, v.20, p. 1-18, 2020. Disponível em https://www.academia.edu/55408551/Inclus%C3%A3o_%C3%A0_moda_brasileira . Acesso em 05/2024.

ANDRADE, Jaqueline Ferreira Condé de Melo; SILVA, Nara Liana Pereira. Adultos com síndrome de Down por eles mesmos: relatos de suas vivências. Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 12(2), p. 1-9, Maio-Agosto de 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v12n2/08.pdf> . Acesso em 05/2024.

AULER, Daniela. A moda inclusiva. 27/10/2014. Disponível em <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/21/21> . Acesso em 05/2024.

BARBOZA, Rochelne; CARVALHO, Miguel; FERREIRA, Fernando; XU, Bugao. Main characteristics and anthropometrics of people with Down Syndrome – impact in garment design. Advances in Intelligent Systems and Computing, Berlim, v. 587, n. 2016, p. 417-427, 2018. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/154276856.pdf> . Acesso em 05/2024.

BERTAPELLI, Fábio, et al. Desempenho motor de crianças com Síndrome de Down: uma revisão sistemática. J Health Sci Inst., 280-4, 2011. Disponível em <https://www.cursosavante.com.br/cursos/curso358/conteudo3950.pdf> . Acesso em 04/2024.

BOLD JOURNEY. Conheça Sean McElwee. 17 de novembro de 2023. Disponível em <https://boldjourney.com/meet-sean-mcelwee/> . Acesso em 05/2024.

BONCHOSKI, Paulo Aparecido; GORLA, José Irineu; ARAUJO, Paulo Ferreira de. Estudo antropométrico em portadores da Síndrome de Down. Revista Digital - Buenos Aires, Ano 10, N° 70, março de 2004. Disponível em <https://efdeportes.com/efd70/down.htm> . Acesso em 05/2024.

BRANCACCIO, Vanessa Fernanda; MANZINI, Eduardo José. Análise do autocuidado antes e após a aplicação do inventário Portage em uma criança com Síndrome de Down. Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, v. 20, p. 161-178, 2019. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9568> . Acesso em 04/2024.

CMDPcD. Quem somos. 02/10/2012. Disponível em <https://cmdpcd.blogspot.com/> . Acesso em 05/2024.

COLOMÉ, Isabel Cristina dos Santos. Cuidado a pessoas com deficiência - Orientações e possibilidades para profissionais de saúde. Frederico Westphalen: Editora Gráfica Grafimax, 2021. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/378/2021/08/Guia-para-os-Profissionais-de-saude-cuidado-a-pessoas-com-deficiencia.pdf>. Acesso em 05/2024.

COUTINHO, Kamuni Akkache, et al. Síndrome de Down, genética e prole: uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.4, p.17935-17947 jul./aug. 2021. Disponível em <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/34877/pdf> . Acesso em 04/2024.

CRIANÇAS ESPECIAIS. Conheça “Born this way” – 1º reality show sobre jovens com Síndrome de Down. 16/07/2018. Disponível em <https://www.criancasespeciais.com.br/conheca-born-this-way-1o-reality-show-sobre-jovens-com-sindrome-de-down/> . Acesso em 05/2024.

FEITOSA, Victor. As diferenças entre exclusão, segregação, integração e inclusão. 19 de agosto de 2020. Disponível em <https://eureca.me/exclusao-segregacao-integracao-e-inclusao/> . Acesso em 05/2024.

FERREIRA, Veridiana Cristina Teodoro; VENTURELLI, Suzete. A tecnologia têxtil aliada ao design inclusivo. DATJournal, v.6, n.1, 2021. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/350079852_A_tecnologia_textil_aliada_ao_design_inclusivo . Acesso em 05/2024.

HUANG, Ying-Chia; CHEN, Jen-Hau; CHEN, Guan-Yin, TUNG, Kai Fang. Smart Sportswear Design for Down Syndrome Patients. 2020. Disponível em https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-51194-4_109. Acesso em 05/2024.

LUITZ, Lilian. Incluir é preciso, com consciência e compromisso. 14/09/2017. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/incluir-e-preciso-com-consciencia-e-compromisso/> . Acesso em 05/2024.

MACHADO, Rafael. Moda para quem tem Síndrome de Down. 21/03/2017. Disponível em <https://drauziovarella.uol.com.br/genetica/moda-para-quem-tem-sindrome-de-down/> . Acesso em 04/2024.

MELLO, Julia Almeida de. Moda Múltipla: experiências inclusivas no contexto da Síndrome de Down. REAMD, Florianópolis, v. 7, n. 3, p. 01-16, out. 2023 / jan. 2024. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/24051/16034> . Acesso em 20 março 2024.

MEURER, Catia; SCHIEHLL, Letícia. Moda inclusiva, atemporal e minimalista. Expoulbra, Salão de extensão, 2018. Disponível em <http://www.eventos.ulbra.br/index.php/salao/x/paper/viewFile/3847/2129> . Acesso em 05/2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cuidados de saúde às pessoas com síndrome de Down. Brasília: Ministério Da Saúde, 2012. Disponível em <https://pt.slideshare.net/slideshow/cuidados-de-sade-s-pessoas-com-sndrome-de-down/22415450>. Acesso em 03/2024.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. Brasil tem 18,6 milhões de pessoas com deficiência, indica pesquisa divulgada pelo IBGE e MDHC. 07/07/2023. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/brasil-tem-18-6-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-indica-pesquisa-divulgada-pelo-ibge-e-mdhc> . Acesso em 04/2024.

NERY, Breno Montenegro. Síndrome de Down – Características Que o Pediatra Deve Saber. 26 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.portaped.com.br/outras-especialidades/genetica/sindrome-de-down-o-que-voce-nao-sabe/> . Acesso em 03/2024.

PANDOLFO, Vanessa Flach. Kidult: um novo nicho comportamental de consumo. Santa Maria (RS): Centro Universitário Franciscano, 2008. Disponível em <https://lapecpp.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/05/tfg-ii-vanessa-flach-pandolfo.pdf> . Acesso em 05/2024.

PELOSI, Miryam Bonadiu; FERREIRA, Karine Guedes; NASCIMENTO, Janaína Santos. Atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas com crianças e pré-adolescentes com Síndrome de Down. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 511-524, 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/pbvSpH7w4DJnC9H8FQPX6wB/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 04/2024.

PEREIRA, Andrea; CRUZ Maria Alice Ximenes. Moda inclusiva: a necessidade da moda inclusiva no mundo de hoje. R. Tec. Fatec AM, Americana, v.4, n.1, p.125-150, mar./set. 2016. Disponível em <https://fatec.edu.br/revista/index.php/RTecFatecAM/article/view/67> . Acesso em 05/2024.

PIETRICOSKI, Luciana Borowski; JUSTINA, Lourdes Aparecida Della. História da construção do conhecimento sobre a Síndrome de Down no século XIX e início do século XX. Research, Society and Development, v. 9, n. 6, e165963574, 2020. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3574/3893> . Acesso em 04/2024.

ROMANATO, Daniella. Office Acadêmico: Manual para edição de trabalhos acadêmicos utilizando o programa Microsoft Word. Campinas: Incentivar, 2010.

SANTOS, Roseli Schnoeller. Praia sim! Por que não? A moda praia para mulheres mastectomizadas. Americana: FATEC Americana, 2023. Disponível em https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/14283/1/20231S_Roseli%20Schnoeller%20Santos_OD1629.pdf. Acesso em 05/2024.

SEBRAE. Conceitos de moda que você precisa entender: moda e diversidade. 08/11/2022. Disponível em <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/conceitos-de-moda-que-voce-precisa-entender-moda-e-diversidade,2cf5f08ca4754810VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=Acompanhando%20os%20movimentos%20sociais%2C%20a,quais%20a%20sociedade%20est%C3%A1%20passando>. Acesso em 04/2024.

SIMÕES, Inês da Silva Araújo. O modelo de representação do corpo do design de moldes. Artitextos, Lisboa, N.º 5, p.157-170, Dez. 2007. Disponível em https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1808/1/FAUTL_13_D_ISimoes.pdf. Acesso em 05/2024.

SUPERA FARMA. IMC: Saiba mais e calcule o seu! 06/12/2022. Disponível em <https://superafarma.com.br/calcule-o-seu-imc-calculadora-peso-ideal/>. Acesso em 04/2024.

TIX LIFE. Moda inclusiva. S/d. Disponível em <https://tix.life/empoderamento/moda-inclusiva/#:~:text=Moda%20inclusiva%20prop%C3%B5e%20o%20desenvolvimento,peessoais%20de%20pessoas%20com%20defici%C3%AAncia>. Acesso em 05/2024.

WERNER, Felipe Semer, et al. Jogos Sérios Mobile para desenvolvimento da coordenação motora fina das mãos e dedos: estudo de caso com crianças com Síndrome de Down. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2023. Disponível em <https://adelfa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/272c9883-82dc-4916-af2d-faabc837c4f6/content>. Acesso em 04/2024.